



## O PERONISMO E A CONSTRUÇÃO DO MITO *EVITA*: INTERPRETAÇÕES E APROPRIAÇÕES

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3562

Ivana Aparecida da Cunha Marques, UNESPAR

Isabela Candeloro Campoi, UNESPAR

### Resumo

Através do levantamento e análise bibliográfica sobre o tema proposto, a presente pesquisa de Iniciação Científica procurou analisar o papel de Eva Perón (1919-1952) na História da Argentina, num contexto de mudanças no cenário econômico internacional. Para tanto, buscou-se problematizar os movimentos populistas na América Latina com ênfase no peronismo, atentando para sua conjuntura histórica e política, bem como suas características marcantes. No que concerne à Argentina, Eva Perón estabeleceu o debate sobre o voto feminino, de modo que se objetivou analisar a sua figura neste processo. Além disso, pretendeu-se verificar as interpretações históricas a respeito do mito *Evita* e as apropriações desta personagem nos governos seguintes à 1952 (ano de sua morte), os quais procuraram sacralizar e/ou profanar esse ícone na memória coletiva da nação argentina. Por ter desempenhado um papel de grande importância e destaque no âmbito político argentino, principalmente entre os anos de 1946 e 1952, essa personagem tem sido reivindicada das mais diversas formas pela História recente do país. Considerando as diversificações e/ou antagonismos interpretativos em contextos políticos, sociais e econômicos diferenciados, verificou-se que a figura de *Evita* continua desencadeando especulações e paixões, sejam sobre sua origem e história de vida, sejam no que tange aos seus interesses, supostamente tácitos e 'envoltos' por seu carisma e discursos demagógicos.

### Palavras Chave:

Peronismo; Argentina;  
Eva Perón.

## Introdução/Justificativa

A pesquisa de Iniciação Científica em questão procurou analisar o papel de Eva Perón (1919-1952) na História da Argentina. Para tanto, pretendeu-se levantar problemáticas a respeito dos movimentos populistas na América Latina com ênfase no peronismo, atentando-se em especial, para sua conjuntura histórica e política, bem como para suas características marcantes. No que tange à Argentina, Eva Perón foi a responsável por estabelecer o debate sobre o voto feminino, e, dessa forma, buscou-se analisar o seu protagonismo neste processo. Fora isso, objetivou-se verificar as interpretações historiográficas a respeito de *Evita* e as apropriações desta importante personagem nos governos seguintes na Argentina, os quais procuraram sacralizar e/ou profanar esse ícone na memória coletiva.

## Objetivos

O objetivo central dessa pesquisa foi problematizar o papel de Eva Perón na história do populismo argentino. Entre outras coisas, buscou-se identificar o populismo argentino na América Latina do século XX; analisar o papel desempenhado por Eva no processo de conquista do voto feminino na Argentina e verificar as interpretações da figura dessa primeira-dama na historiografia e a construção do mito *Evita* como símbolo identitário na política argentina.

## Peronismo: o populismo argentino

A conceitualização do populismo é bastante cara para os estudos históricos, principalmente no que diz respeito à América Latina do século XX. Mesmo que o termo abranja particularidades no tempo e no espaço, no caso argentino, o movimento populista possui características próprias. Sendo assim, esse é um conceito controverso para as ciências políticas e sociais, já que compreende particularidades contextuais, o que resulta, muitas vezes, em diferentes - e até dicotômicas - interpretações historiográficas.

No exemplo latino americano o fenômeno populista pode ser considerado como

o efeito de mudanças drásticas no cenário econômico internacional, principalmente entre 1920 e 1950, período em que a conjuntura econômica não era convergente à conjuntura política (PRADO, 1981).

De acordo com a historiadora Maria Lígia Prado (1981, p.09): “(...) os conceitos teóricos, como ‘abstrações reais’, são historicamente determinados”. Dessa forma, por mais que alguns estudiosos busquem alcançar um denominador comum para todas as manifestações populistas, ao se analisar esse conceito, é imprescindível que se leve em consideração a historicidade, isto é, as especificidades no tempo e no espaço.

Para Norberto Ferreras (2011) o período histórico do populismo latino americano compreende os anos de 1930 a 1950. Em consonância com Prado, esse autor caracteriza o populismo como a emergência das classes populares, que até então se encontravam marginalizadas do cenário político.

Vale atentar para algumas características recorrentes do populismo, tais, como: a preocupação com os direitos trabalhistas, o controle dos sindicatos, a nacionalização de empresas, o cuidado com o engendramento de uma opinião pública favorável, e o carisma do governante, o que é criticado pela autora Maria Lígia Prado, que aponta tal característica como sendo um fator variável.

No caso argentino, Juan Domingo Perón ascende ao poder em 4 de junho de 1946, eleito por vias legais através de sua candidatura pelo Partido Laborista (PL), fundado em 1945. O coronel Perón era membro da GOU (*Grupo de Oficiales Unidos*), corporação de militares surgida em 1942. Sendo simpático ao nazi fascismo, esse agrupamento fora o responsável por liderar o golpe de 1943 na Argentina, o qual se configura como sendo antiliberal e antidemocrático.

É justamente nesse período em que Juan Perón surge no cenário político argentino. Em 1943, Perón, como uma ‘eminência parda’, isto é, um indivíduo que até aquele momento permanecia comandando dos ‘bastidores’, aparece no cenário político, ocupando as funções de vice-presidente, ministro da guerra e ministro do *Trabajo y Previsión*. Em especial, na *Secretaría de*

*Trabajo y Previsión*, Perón operou no sentido de obter o apoio dos trabalhadores através da ampliação de seus direitos e/ou da execução das leis trabalhistas já existentes.

Aos poucos, ele foi conquistando a admiração popular, ao mesmo tempo em que foi acometido por duras críticas, sejam provenientes das classes dominantes sejam vindas de comunistas e socialistas, os quais estavam vivenciando tentativas de desarticulação de seus movimentos e sindicatos por parte de Perón. As forças de contestação ao seu governo, de certa forma explicam o golpe interno que o retira do poder e o prende em 12 de outubro de 1945. Porém, em 1946, através de um movimento de massa a seu favor, ele acabou voltando nos 'braços do povo' como presidente da Argentina.

Apesar das múltiplas interpretações do conceito de populismo, pode-se destacar alguns traços marcantes da expressão do peronismo, tais como: a aliança com os trabalhadores - através do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) que ficou sob os auspícios da primeira-dama Eva Perón -, e o sufocamento e cooptação dos comunistas, socialistas e anarquistas, de modo a tentar colocá-los sob o controle do Estado.

Em 1945, Juan Perón casou-se com Eva Duarte (posteriormente reconhecida como Eva Perón), que seria uma figura chave para o peronismo, principalmente considerando a questão do assistencialismo. Na Argentina do pós guerra *Evita* contribuiu para que o movimento populista adquirisse peculiaridades. Sua figura ganhou grande destaque, sendo interpretada de várias maneiras nos diferentes panoramas políticos do país (para além da sua morte prematura em 1952). Por isso, ainda hoje tem sido revisitada pela historiografia e pela indústria cultural, e inserida com frequência nos discursos contemporâneos.

Desse modo, levando em conta a sua importância histórica, torna-se imprescindível conhecer a trajetória de vida desta primeira-dama argentina, de modo que seja possível compreender o papel desempenhado por ela no

projeto político do peronismo.

### Breve trajetória de Eva Perón

A curta biografia de Eva (*A Madona dos Descamisados*), morta em 1952 aos 33 anos vítima de um câncer de útero, suscitou, desde sua participação no governo de Perón, diversas e até dicotômicas interpretações. E continua desencadeando especulações e paixões, sejam sobre sua origem e história de vida, sejam no que tange aos seus interesses, supostamente tácitos e 'envoltos' por seu carisma e discursos demagógicos.

Maria Eva Duarte de Perón nasceu na cidade argentina de Los Toldos em 07 de maio de 1917. Filha caçula de cinco irmãos, Eva é fruto de um relacionamento extraconjugal entre Juana Ibarguren e Juan Duarte, situação que sugeriu uma tragédia pessoal digna de interpretações.<sup>1</sup>

De acordo com Silva (2004), Eva, menina com um passado marcado pela pobreza e pelas privações, chegou à Buenos Aires em 1935 visando alcançar uma de suas aspirações, qual seja, a de ser atriz. No entanto, muitas interpretações buscaram explicar a sua ida à capital argentina, e conforme aponta a autora:

A hipótese mais aceita é o envolvimento de Eva com o cantor de tango Agustín Magaldi, que fazia apresentações nas cidades menores. Ele era um dos artistas mais famosos da época e em todo o país era conhecido como "El Gardel del interior". A outra versão, dada pela família, seria que Dona Juana teria acompanhado Evita à capital para um concurso de rádio. (SILVA, p. 23, 2004)

Eva Duarte e Juan Perón se conheceram no dia 15 de janeiro de 1944 e no ano seguinte se casaram. Essa união não mudaria apenas a vida dos dois, mas traria também, transformações para a nação argentina. Avelino (2014) aponta que, com a subida de Perón ao poder em 1946, *Evita* emergiu, não como uma força inexpressiva, mas como "(...) um meteoro, do anonimato de papéis secundários no rádio a

---

1 Um caso emblemático diz respeito à morte de seu pai em um acidente de carro. Foi apenas no seu velório que Eva o viu pela primeira vez, possibilidade resultante de

uma atitude ousada e decidida de sua mãe que exigiu que ela e seus filhos ilegítimos pudessem participar da ocasião. (SILVA, 2004).

um trono jamais ocupado por mulher alguma: o de Bem Feitora dos humildes e Chefe Espiritual da nação. ” (AVELINO, 2014, p. 52 *apud* MARTINEZ, 1996, p.159)

No dia 22 de agosto de 1951, milhares de pessoas aglomeraram-se na Avenida 09 de Julho, em Buenos Aires, para assistir um comício peronista e reivindicar que Evita aceitasse ser vice-presidente de Perón. No entanto, já na sua fase terminal, Eva teve que abrir mão da sua candidatura, o que ocorreu alguns dias depois através das rádios da capital (SILVA, 2004). Porém, apesar disso, Juan Perón se reelegeu presidente da Argentina em novembro de 1951. A vitória de Perón só pode ser melhor compreendida, entretanto, considerando uma nova força social-votante: as mulheres.

### O voto feminino na Argentina

A companhia de *Evita* na maior parte da campanha eleitoral de Perón, segundo a historiadora Barbara Potthast (2010), causava a revolta de muitos políticos, já que, de certo modo, ia contra normas sociais pré-determinadas. De acordo com a autora: “É difícil explicar porque Perón permitiu que fosse acompanhado, como também é difícil descobrir quem foi a força impulsora desta paulatina politização do papel da esposa do futuro presidente.” (POTTHAST, p. 266, 2010, *tradução nossa*)

A ala feminina do Partido Peronista (PP), fortemente influenciada por Eva Perón, foi a responsável por iniciar, em 1947, um movimento a favor do voto das mulheres. Em 1949 esse direito foi assegurado pela nova Constituição - denominada de Justicialista e proclamada pelo congresso como “doutrina nacional” – e, nas eleições de 1951 (quando Perón foi reeleito), o eleitorado feminino votou pela primeira vez na história da Argentina.

Mesmo sendo real que o direito conquistado tenha se dado por outras intenções, a possibilidade da mulher votar e ser votada na Argentina impulsionou a eleição de um número considerável de deputadas e senadoras, criando dentro do Estado organizações de mulheres. (MATOS, CYPRIANO, BRITO, 2007,

p.07)

Entretantes, destaca-se a criação da Fundação Eva Perón em 1948, a qual representava mais uma força de grande influência, atuando junto ao Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) e ao Exército. Fora isso, considerando o grande número de escolas, hospitais, farmácias populares, entre outros estabelecimentos que compunham a organização, essa instituição serviu também para aproximar ainda mais a primeira-dama dos grupos marginalizados da sociedade, fazendo com que ela servisse como ponte entre o Estado e as reivindicações sociais.

A força política que vinha sendo adquirida por Eva, além do novo posicionamento tomado por ela, tornava possível galgar para além do papel periférico e subjugado - o qual se acreditava, no período, ser o designado para a primeira-dama - e romper com o *status quo*, o que causava, pois, espanto para os grupos tradicionais da sociedade.

Sendo assim, a garantia do direito ao voto feminino, representou de certa forma, a quebra de barreiras formais no que se refere à representatividade das mulheres argentinas na esfera política e de decisões. Entretanto, Palermo (2007) interpreta que o auxílio dado pelo coronel Juan Domingo Perón ao movimento em favor do sufrágio feminino, representou, na verdade, uma tática de fortalecimento do seu projeto político por meio da conquista do apoio das mulheres.

Vale ressaltar que a História Social tem se debruçado sobre a análise das desigualdades de direitos existentes entre homens e mulheres. No que concerne ao caso argentino, essa literatura busca compreender, em grande parte, o papel desempenhado pelo ativismo das mulheres no âmbito público, inclusive durante o processo de conquista do voto feminino no país, o que só foi constitucionalizado trinta e cinco anos após a garantia desse mesmo direito para os homens.

(...) no final de 1947 o *Congreso Nacional* aprovou a lei n. 13.010, reconhecendo às mulheres os mesmos direitos e obrigações atribuídas aos homens em 1912. O longo período intermediário entre a sanção de ambas as leis fez com que a Argentina passasse a integrar o último contingente de

nações latino-americanas a reconhecer os direitos políticos da mulher. (PALERMO, 2007, p. 01, *tradução nossa*)

A importância histórica de Eva Perón e seu legado como fenômeno social, inclusive como liderança na organização feminina pela conquista de direitos políticos, acabaram gerando leituras diferenciadas e até polarizadas sobre sua figura, as quais serviram como componentes para o paulatino engendramento do mito *Evita*.

### **Evita: apropriações e interpretações**

Diálogos são frequentemente estabelecidos entre o mito e a história, assim como entre a memória e a história, de modo que “confundem-se os personagens com os mitos e estes, com os agentes sociais.” (AVELINO, 2014, p. 50). Assim, mais do que compreender o legado histórico de Eva Perón, é necessário analisar como se deu a construção do mito *Evita* e as suas diversas representações historiográficas e sociais.

Teixeira (2013), a partir de uma análise da obra *Santa Evita* publicada em 1996, do jornalista e escritor argentino Tomás Eloy Martínez, ratifica que a construção da imagem pública de Eva só se inicia a partir de seu casamento com o general Juan Perón, em 1945. Porém, esclarece que é necessário superar a adjetivação dicotômica ‘santa-prostituta’ e dar ouvido às histórias silenciadas e aos grupos marginalizados, já que, segundo o autor, esse maniqueísmo é responsável por criar bloqueios na compreensão das nuances e das multiplicidades interpretativas existentes entre esses dois pólos. A partir disso, entre as diversas personagens em que se desdobrou María Eva Duarte, pode-se constatar que ela era *Evita* (como ela gostava de ser chamada), mas era também a Señora ou Señora Eva Perón para os peronistas, ao mesmo tempo em que era denominada de atriz Eva Duarte pela oposição.

Não obstante, o período histórico que vai de 1955 (ano do golpe de Estado argentino que retira Perón do poder) até 1973 (data em que o candidato peronista Hector J. Cámpora vence as eleições no país), é fortemente marcado por uma luta simbólica que previa salvaguardar o legado peronista. Assim, concomitantemente à

tentativa dos militares em destruir da memória popular qualquer remanescente do governo de Perón, havia um trabalho de resistência que visava a sua manutenção, principalmente através de homenagens à *Evita*.

Partindo do fato de que o peronismo foi colocado na ilegalidade após 1955, ano da queda de Perón, no que se refere ao processo de construção da figura de Eva Perón no imaginário popular, Anabella Evangeliza Gorza (2016) aponta que o decreto 4161 (05/03/1956), o qual proibia qualquer tipo de simpatia, utilização ou difusão dos símbolos e ideais peronistas, acabou resultando no efeito contrário, já que comprovou a relevância deles como elementos identitários e de coesão social. A força desse conteúdo simbólico pode ser observada nas homenagens públicas prestadas pelos simpatizantes peronistas nas datas de nascimento e morte de Eva Perón, como missas e procissões (GORZA, 2016, p.02).

De acordo com Gorza (2016, p. 02): “Práticas que também, podem ser observadas como atos de memória e, nesse sentido, são pertinentes para analisar as âncoras materiais e territoriais que adotou a construção da memória no peronismo durante a etapa da Resistencia.” (*tradução nossa*). Essas ações (ora conservadoras ora subversivas) foram de grande importância, considerando que nelas podem ser encontrados determinados vestígios da participação política de mulheres que buscavam maior visibilidade no espaço público e de decisões por meio da estrutura do Partido Peronista Feminino (PPF) e da influência mobilizadora de Eva Perón.

A construção da figura de Eva Perón no imaginário político argentino deu-se imediatamente após a sua morte, de modo que, torna-se indissociável ao próprio peronismo. Conforme indica Paulo Renato da Silva: “O peronismo se apresentava - e se apresenta - como o ‘autêntico’ defensor dos interesses nacionais e populares: assim, a primeira imagem de Eva Perón era bastante pautada pela simbiose entre Estado, nação e sociedade buscada pelo peronismo.” (SILVA, 2014, p. 147). A partir desse movimento de engendramento da imagem política de *Evita*, já é possível perceber a apropriação dela como ‘símbolo oficial’ na formação do próprio projeto político do peronismo, principalmente ao considerar que a

propaganda peronista agiu fortemente sobre a mentalidade da época, em especial no que concerne à utilização da figura da primeira-dama como instrumento.

Fazendo referência à Marta Zabaleta, a historiadora Rachel Soihet (2000) concorda que Evita desempenhava o papel de legitimadora e difusora do discurso peronista, agregando assim, mais adeptas a essa ideologia, o que explica, de certa forma, a criação do Partido Peronista Feminino (PPF) em 1949.

Atualmente, com a reivindicação dessa figura por outros grupos e sujeitos político-sociais, diferentes do peronismo, *Evita* vai se tornando, paulatinamente, um ícone de identidade nacional. Sua figura tem sido constantemente reexaminada e inserida nos discursos contemporâneos, o que explica o surgimento de grande número de musicais, filmes, romances e desenhos com essa temática.

Entretanto, todo esse magnetismo em torno de sua imagem, dá origem também a interpretações que tem como finalidade, de certa forma, deslegitimar a sua importância como figura histórica.<sup>2</sup>

Vale ressaltar, pois, a construção processual do mito político que, na maioria das vezes, traz consigo pretensões ideológicas e formas de persuasão, sendo utilizado como um mecanismo simbólico para amenizar ânimos e criar 'horizontes' numa população que geralmente passa por um período de crise identitária, derrocada econômica e/ou instabilidade política (GANDIN, 2010)

Para este autor, os primeiros passos para a formação desse herói é o reconhecimento por parte da população, de características em comum com essa figura, as quais servirão para dar coesão e um sentimento de pertencimento a dada sociedade. Além disso, esse mito em construção deve integrar - ou pelo menos, dar a entender tal coisa - as massas populacionais nas decisões políticas (GANDIN, 2010 *apud* PARGA, 2006).

Fenômeno importante a ser considerado também como consequência da

elaboração do mito, é o alto índice de visitação à lápide de Evita no cemitério de *La Recoleta* na capital da Argentina, seja como ponto turístico, seja como local de devoção nacional.

No tocante às interpretações negativas da primeira-dama, de acordo com Silva (2014), a *Lenda Negra* que se apoia na biografia de Eva, *The Women of the Whip*- "A mulher com o chicote"- (1952), da autora Mary Main, esclarece que Eva, como peça chave desse governo, se valia do discurso demagógico e sedutor somado ao autoritarismo para atrair a população e, conseqüentemente, combater seus adversários.

Essa ideia que já existia antes mesmo da morte de *Evita*, e circulava de forma 'não oficial', contribuiu de maneira significativa para corroborar a atitude antiperonista, que contraria a construção de uma Eva considerada 'Santa' e '*Madre de los descamisados*'- a qual era difundida pela propaganda peronista. Tal viés interpretativo expressa a origem humilde e profana de sua figura, dessacralizando-a ao propor o envolvimento dela com homens, como forma de alcançar seus objetivos.

Porém, a partir de 1952, com o falecimento da primeira-dama, essa interpretação passa a ser utilizada pelos antiperonistas como um instrumento para tornar pública uma imagem que pressupunha a ligação do peronismo ao nazi fascismo, regimes totalitários europeus, característicos de um Estado conservador, arbitrário e antidemocrático.

Ainda conforme a interpretação de Silva, em contraposição ao livro *Eva Perón ¿aventurera o militante?*(1966), o historiador, sociólogo e filósofo argentino, Juan José Sebrelí, identifica, de certo modo, o peronismo à crítica ao *status quo*. Nessa nova perspectiva, o autor enaltece as contradições da figura contestadora de Eva Perón, reafirma seu passado humilde e sua conseqüente proximidade com as classes menos favorecidas, porém, questiona sua construção e sacralização como passiva e influenciável. Ao contrário, Sebrelí a posiciona como uma 'personagem-agente' que ao tentar conquistar seus objetivos pessoais, acabou por se

---

2 É o caso, por exemplo, dos autores Leandro Narloch e Duda Teixeira (2011) que a partir de uma perspectiva

parcial da História, caracterizam-na apenas como uma mulher fútil e interesseira.

tornar fundamental na luta pela independência da mulher e da classe trabalhadora.

Não obstante, no livro *Los Deseos Imaginarios del Peronismo* (2000), Sebrelí destaca que no viés do peronismo ortodoxo, *Evita* fora representada como uma heroína, uma santa e/ou uma estrela, o que se reflete, por exemplo, nos textos, imagens e nas produções filmográficas sobre sua figura. Porém, na opinião do autor: “(...) *Evita* foi a heroína romântica de folhetim, a grande hetaira a quem o destino permitiu se vingar da sociedade que à humilhara.” (SEBRELI, 2000, p.19, *tradução nossa*)

De forma maniqueísta, Eva teria representado ambas as faces do amor: a amante, e depois a esposa devotada; foi do pecaminoso ao sagrado, ou seja, àquilo que a ordem vigente considerava ser o modelo ideal de mulher e, para isso, teve de adequar-se às imposições do marido e da sociedade na qual estava inserida. Por mais que ressalte a importância desempenhada por *Evita* nesse programa, o autor salienta que o *evitismo* não pode ser considerada uma corrente independente dentro do peronismo, mas subordinada - apaticamente - à Perón.

Mesmo com sua tentativa de adaptação à essa sociedade tradicional, isso não ocorreu de forma absoluta, já que o passado de *Evita* continuava representando, tanto para o Exército e a Igreja quanto para as famílias burguesas e pequeno burguesas da Argentina, uma afronta à moral sexual tradicional.

Para Avelino (2014), no entanto, num contexto em que as concepções políticas argentinas - tanto as de esquerda quanto as de direita - estavam permeadas por construções machistas, a participação de *Evita* na política significava um motivo de espanto e perturbação para o pensamento conservador vigente.

Numa outra fase do peronismo argentino, Perón volta de seu exílio na Europa em 1972 e se reelege presidente em 1973, porém, morre no ano seguinte, vítima de um infarto. María Estela Martínez Perón, esposa de Juan Perón desde 1961 e vice-presidente da Argentina, assume a presidência do país após a morte de seu marido. *Isabelita*, como era popularmente conhecida, tentou resgatar e se valer ao seu favor, da mentalidade construída em torno da figura de

*Evita*, principalmente após o reaparecimento de seu corpo que estava sumido há anos. Sendo assim, Isabel Perón, se reconhecendo como a herdeira direta das políticas de seu esposo, se tornava a responsável por manter certa coesão e unidade ao movimento peronista, e para tanto, buscou se legitimar através da apropriação da memória de *Evita*.

Mesmo após 1983, com o fim da ditadura militar argentina que se iniciou com o golpe de 1976, responsável por retirar *Isabelita* da presidência, a memória de Eva Perón permaneceu, de alguma forma, esquecida, já que certos grupos vinculavam o peronismo a um governo radical.

Já durante o governo neoliberal de Carlos Menem (1989-1999), com a derrocada econômica e o agravamento das críticas a sua administração, o presidente tenta resgatar as figuras de Juan e Eva, de modo a se auto denominar continuador de suas políticas, o que explica a construção do Instituto Nacional de Investigações Históricas Eva Perón, no ano de 1998. (SILVA, 2014, p.160)

Porém, quando os peronistas Néstor Kirchner e Christina Kirchner chegaram à presidência da Argentina, em 2003 e 2007, respectivamente, desvinculando-se da política neoliberal de Carlos Menem, a figura da *Evita Revolucionária* - a qual, através de uma ligação com o socialismo, teria tido a função de cooptar e mobilizar politicamente os trabalhadores e disseminar uma ‘consciência de classe’-, passa a ser fortemente reivindicada por diversos grupos político-sociais como forma de legitimar a aproximação e agrupamento do então governo com os movimentos sociais. Dessa forma, com o casal Kirchner engendra-se o mito *Evita* como um elemento identitário, patriótico e um símbolo de tempos prósperos, distantes da crise que atingiu a Argentina a partir dos anos 1990, explicada principalmente com a vitória do governo neoliberal de Carlos Saúl Menem. Conforme aponta Silva (2014):

Eva Perón tem sido reivindicada por diferentes sujeitos e grupos político sociais como um símbolo de justiça social e de um estado protetor, diferente do neoliberal que marcou o país na década de 1990, o qual teria levado os argentinos à crise. Há um

desdobramento dessa reivindicação no plano da identidade nacional e do nacionalista: a primeira-dama aparece como um símbolo de uma época-supostamente-áurea vivida pela Argentina (SILVA, 2014, p. 146)

Assim, a respeito da figura de *Evita*, solicitada das mais diferentes formas ao longo da História recente da Argentina, torna-se necessário levar em consideração as diversificações e/ou antagonismos interpretativos em contextos políticos, sociais e econômicos diferenciados.

## Considerações Finais

A figura de *Evita* Perón tem sido apropriada pelos mais diferentes sujeitos e grupos político-sociais ao longo do tempo, principalmente após a sua morte em 1952. A primeira-dama argentina deixou uma herança controversa que ultrapassa a dicotomia simplista de santa x demagoga. Dessa forma, não se trata de negligenciar sua biografia singular, mas compreender que sua personagem histórica não pode ser confundida com os usos de sua memória e com o(s) mito(s) criado(s).

Não obstante, apesar dessas diferenciações e incongruências interpretativas, não se pode ignorar a expressividade do papel atemporal de Eva Perón na História, seja como personalidade política e líder de massas, seja como defensora da bandeira em prol dos direitos das mulheres argentinas.

## Referências

AVELINO, Yvone Dias. La madre dos descamisados. Eva Perón: vida e trajetória política. **Cordis**. Mulheres na história, São Paulo, v.2, nº13, julho-dezembro, 2014.

FERRERAS, N. A sociedade de massas: os populismos. In: AZEVEDO, Cecília; RAMINELLI, Ronald. (Org.). **História das Américas: Novas perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. p. 213-240.

GANDIN, Lucas. A Sacralização do Político. **Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, Curitiba, set. 2010.

Gorza, A. E. (2016). **Los homenajes a Eva Perón como prácticas de memória em tiempos de la Resistencia peronista (1955-1963)**. Anuariodel Instituto de Historia Argentina, 16(1), e007.

MATOS, Marlise, CYPRIANO, Breno, BRITO, Marina.

**Cotas de Gênero para o reconhecimento das mulheres na Política:** Um estudo comparado ações afirmativas no Brasil, Argentina e Peru. Recife, maio-junho, 2007.

NARLOCH, Leandro; TEIXEIRA, Duda. **Guia Politicamente Incorreto da América Latina**, São Paulo: Leya, 2011.

PALERMO, Silvana A. **Quiera el hombre votar, quiera la mujer votar:** género y ciudadanía política en Argentina (1912-1947). Programa de Estudios de Historia del Peronismo- Instituto de Estudios Históricos, agosto, 2007.

PRADO, Maria Ligia. **O Populismo na América Latina:** Argentina e México. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

POTTHAST, B. **Madres, obreras, amantes...:** Protagonismo feminino em la historia de América Latina. México, D.F.: BonillaArtigas Editores, 2010.

SEBRELI, Juan José. **Los Deseos Imaginarios del Peronismo**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000.

SILVA, Ana Carolina Ferreira. **Santa Evita e suas aparições**. Juiz de Fora: UFJF; FACOM, 1.sem.2004, 144 fl. Mimeo. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.

SILVA, Paulo Renato da. Memória e História de Eva Perón. **Rev. Hist.**, São Paulo, nº 170, janeiro-junho, 2014, p. 143-173.

SOHIET, Rachel. **Alguns comentários a partir do artigo de Marta Zabaleta:** o Partido Peronista feminino: História, características e consequências. (Argentina 1947-1955). Diálogos, DHI/UEM, Maringá, v.4, n. 4: 41-47, 2000.

TEIXEIRA, Luciana Medeiros. **Essa mulher:** as múltiplas representações de Eva Perón. A construção do mito e as disputas políticas em Santa Evita de Tomás Eloy Martínez. Anais do SILEL, Uberlândia: EDUFU, vol.3, nº1, 2013.